

Kyrial

9ª edição

Kyrial

ISSN 1982 – 1085
ANO IX – Número 9
Novembro de 2016
revistakyrial@outlook.com
Facebook: RevistaKyrial

conselho editorial

Angela Cruz
Camila Bragion
Gabrielle Marcelino
Julie Lima
Nandara Carmassi
Rafael Corrêa
Tainá Gambugge
Viviane Vieira

colaboradores

Maria de Fátima Silva Amarante
Ricardo Gaiotto de Moraes
Tereza de Moraes
Eliane Righi de Andrade

revisão

Tereza de Moraes
Eliane Righi de Andrade

capa

Arima Rossi

projeto gráfico

Beatriz Montenegro

autores

Allan Sacheto
Ana Paula Ricci
Anna Beatriz Moraes Pedroso
Camila Mendes Lopes da Silva
Camila Souza
Cristiano Martins de Oliveira
Emanuelle Caroline de Amorim
Jefferson Lobato de Oliveira
Klaus Sgroi
Magali Fernandes
Mariana Beneti
Pâmela Passos
Pedro Siqueira
Pollyanna Guimarães
Raffaella Fernandez
Ricardo Gaiotto de Moraes
Ricardo Marques Lourenço
Sarah Mendes
Simone Pedersen
Tainá Gambugge
Viviane Vieira

ilustradores

Arima Rossi
Beatriz Montenegro
Carriero
Felipe Lima
Gabrielle Marcelino
Lucas Souza
Luiza Blanc
Tainá Gambugge





editorial

“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.” Esse enunciado, conhecido nosso, marcou o início da Química como ciência. Mas o quanto desse enunciado se refere à matéria inanimada, pronta para funcionar de uma maneira pré-determinada? É possível perder completamente uma parte de si? Criar algo totalmente novo dentro de nós? Ou será que nossas emoções, nossos pensamentos, nossos desejos e tudo o que usamos para nos entender está em eterna e constante mudança? A metamorfose pode muito bem definir tais mudanças, pois sabemos que estas nunca acontecem de maneira fugaz e efêmera, novas ideias (quem sabe surgidas durante a leitura de um texto aqui publicado!), novas emoções e novos pensamentos podem gerar rapidamente o desejo de mudança, mas a concretização desse desejo, a “libertação da crisálida”, exige muito esforço e principalmente coragem de nossa parte. Ainda que algumas pessoas à nossa volta fiquem surpresas com as mudanças, estamos nos preparando para alçar voo há muito tempo. O processo de metamorfose sempre foi e sempre será assim: irrefutável, inquestionável, indiscutível. E é por esta atemporalidade que decidimos tematizar a nona edição da revista Kyrial com o tema “Metamorfoses”. Nossa revista traz a opinião e as histórias de muitos “metamorfoseados” e sempre contamos com as experiências e opiniões de você, leitor, para que veja nessas páginas suas próprias mudanças e que nunca continue com aquela velha opinião formada sobre tudo. Sabemos que, ao final de tudo, nunca alcançaremos a verdade absoluta, nunca compreenderemos todo o conhecimento nem dominaremos todas as emoções. Durante toda a existência da humanidade estamos (e estaremos) à beira do desconhecido e todo passo a frente sempre exigirá coragem e humildade. O próximo passo a ser dado sempre será uma metamorfose.



sumário

Macunaíma: estranhamentos e identificações.....	8
Poéticas dos becos e das vielas, um devir Literatura Marginal Periférica.....	11
Metamorfose.....	14
Sou sol.....	15
A borboleta.....	17
Sem título.....	18
Às vezes.....	19
Dois casulos.....	20
Eduarda, sereia.....	22
Ô se amo (Oceano).....	23
Um dia.....	25
Pollyanna roubada.....	26
Conta-gotas.....	27
Transmutação da modesta essência pessoal.....	29
Sem título.....	30
Veranizar.....	31
Sem título.....	32
Ideia.....	34
@.....	35
Gaveta.....	36
Sem título.....	37
Hacais.....	38

Macunaíma: estranhamentos e identificações

Os jornais desta semana anunciaram a Superlua! A maior visão de nosso satélite dos últimos 68 anos! Procurei explicações para o fenômeno, subitamente lembrei-me do imenso planeta Melancolia se aproximando da terra, capaz de dizimar a tudo e a todos. No filme, o choque fatal se dá, mas não antes de o cientista, o personagem a princípio mais incrédulo quanto ao choque, se matar. Cientistas (incrédulos?) também explicaram, no jornal, que o fenômeno da Superlua está relacionado ao perigeu e depois mostravam muitos números.

Todas essas equações me lembraram, curiosamente, de uma tirinha do Hagar (2007, pp. 135-6), de Dik Browne. Nela, Hamlet, o filho de Hagar, o viking, conta ao pai sua hipótese para explicar as fases da lua: "a lua parece menor por causa da sombra da terra nela". O pai, em tom de deboche, considerando a explicação do filho fantasiosa, conta que a lua é um enorme melão que cresce continuamente até que um corvo da noite a abocanhar. Como não consegue comer tudo, somente restaria um pedaço da lua, daí as diferenças de tamanho e de formato da lua minguante à cheia.

Tanto o "perigeu" quanto o "corvo da noite" explicam fenômenos da lua facilmente observados a olho nu, a diferença entre as duas explanações está na natureza das hipóteses: uma baseada na ciência, outra (descontando-se o caráter humorístico da tirinha), em uma lenda. Na leitura da tirinha, somos levados ao estranhamento e ao riso diante da fala de Hagar tanto pelo subtítulo "o horrível" que acompanha o nome da personagem, quanto pelo desdém da mãe que julga a criança incapaz de assimilar muitas informações. Nossa identificação se dirige a Hamlet, o filho visionário, detentor de uma explicação mais moderna e racional.

Convidado a participar deste número da revista *Kyrial*, gostaria de propor uma metamorfose de leitura, movendo a identificação e a empatia para a explicação da parlenda, da lenda, do ditado popular. Para

tal deslocamento, passaremos ao comentário de alguns episódios de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, numa efeméride incomum, 90 anos da primeira versão escrita, mas não publicada do livro. A publicação da primeira versão modificada se daria apenas em 1928.

A escrita de *Macunaíma* contou com um processo de criação que envolveu procedimentos presentes tanto na música erudita quanto na popular. Para Gilda de Mello e Souza, não é à toa que Mário de Andrade teria utilizado o termo "rapsódia" (processo de composição improvisado a partir da combinação de criações populares nacionais ou regionais) para designar o livro. A rapsódia andradiana partiria de "material improvisado de múltipla procedência" (2003, p. 25), submetido, pelo escritor, "a toda sorte de mascaramentos, transformações, deformações, adaptações" (pp. 25-6), cujos mecanismos incorporariam elementos populares da canção de roda e do improviso do cantador nordestino (p. 26).

Telê Porto Ancona Lopes (2013), ao pesquisar a biblioteca que pertenceu ao escritor, descreveu e analisou rastros das apropriações de Mário de Andrade, em *Macunaíma*, nas mais variadas fontes: registros de etnólogos (como as narrativas dos índios registradas por Koch-Grümbert), relatos estudiosos de história e cultura (como Capistrano de Abreu e Paulo Prado), textos ficcionais (como romances de José de Alencar), quanto registros do próprio escritor sobre parlendas, adivinhas e ditados populares. É o narrador do romance, que se apresenta como um rapsodo popular "cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma" (ANDRADE, 2008, p. 214), quem monta o enredo tecendo, entre as apropriações de naturezas variadas, uma rede cuja coerência possibilita o desenrolar das aventuras.

A apropriação intensa da matriz popular na elaboração de *Macunaíma* já indicia a possibilidade de empatia do leitor para com

¹ Professor Doutor Pesquisador do curso de Letras e do Mestrado em Linguagens, Mídia e Artes, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

um tipo de conhecimento que parece vir de uma fonte menos científica. Esse sinal vai se concretizando à medida que se caminha para a construção do protagonista, o índio Macunaíma, cujo nascimento é elaborado pelo narradora partir de uma paródia do romance (erudito) *Iracema*:

Além, muito além daquela serra, que ainda azulava no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. (ALENCAR, 1965, p. 4)

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. (ANDRADE, 2007, p. 13)

Ambos surgem como lenda, num espaço muito distante, no fundo do mato. No entanto, se Iracema nasce com a nobreza das descrições do indianismo romântico de José de Alencar, Macunaíma rebenta como uma criança feia. Esse aspecto bem como a amoralidade do herói – que ora é corajoso, ora covarde, ora orgulhoso, ora mentiroso – afastam a personagem da imagem do índio idealizado em perfeita harmonia com seu ambiente, o que poderia reduzi-lo à figura idealizada do primitivo.

Se por um lado, esse aspecto tem levado intérpretes a legar ao personagem o status de representante do brasileiro, uma síntese das nossas contradições; por outro, proporciona, no interior da estrutura narrativa um movimento duplo: de aproximação com o leitor, afinal se parece mais conosco por ser contraditório – desse herói pode-se rir; mas também de estranhamento, pois é originário um mundo distante do nosso – a tribo. O espaço de Macunaíma, porém, não se restringe à tribo. A jornada do herói é narrada e organizada a partir do deslocamento do protagonista e de seus irmãos do Uraricoera, o “mato virgem” amazônico onde nasceram, para a cidade de São Paulo, e o posterior retorno ao torrão natal.

Um dos mecanismos do narrador para desenvolver o enredo é inserir o herói em episódios, cuja base são casos apropriados de lendas colhidas de fontes populares, que muitas vezes, como na tirinha de Hagar, explicam um fenômeno observável. Guardadas as devidas proporções, se na tirinha o conhecimento de natureza popular e lendária (a transformação da lua em um grande melão) causa estranhamento

e riso; em *Macunaíma*, a repetição do mesmo procedimento estrutural, perturba o conforto do leitor em reconhecer a explicação de cunho científico como a mais óbvia, pois voz do narrador apropria e naturaliza a explicação de cunho popular. No capítulo IV, “Boiuna Luna”, por exemplo, depois de narrar como a cabeça decepada do monstro boiuna Capei, que persegue *Macunaíma* e sobe ao céu, dá origem justamente à Lua, o narrador nos conta:

[...] Então a aranha tatamanha subiu [pelo fio] e da ponta lá emriba derramou um bocado de geada. E enquanto a iandu caranguejeira fazia mais fio de lá pra riba, o de baixo branqueava todo. A cabeça gritou:

– Adeus, meu povo, que vou pro céu!

E lá foi comendo fio sobessubindo pro campo vasto do céu. Os manos abriram a porta e espiaram. Capei sempre subindo.

– Você vai mesmo pro céu, cabeça?

– Uum, ela fez não podendo abrir a boca.

Quando foi ali pela hora antes da madrugada a boiuna Capei chegou no céu. Estava gorducha de tanto fio comido e muito pálida do esforço. Todo o suor dela caía sobre a Terra em gotinhas de orvalho novo. Por causa do fio geado é que Capei é tão fria. Dantes Capei foi a boiuna mas agora é a cabeça da Lua lá no campo vasto do céu. Desde essa feita as caranguejeiras preferem fazer fio de-noite.

(ANDRADE, 2008, p. 44)

O processo de reconhecimento/estranhamento se dá no momento em que o leitor identifica a descrição empírica da lua como lugar frio e reconhece o orvalho da noite, mas estranha a explicação inconciliável com a lógica científica: uma cabeça de um monstro que sobe ao céu comendo teia de aranha e se transforma no satélite natural da terra. Tal procedimento, recorrente no desenvolvimento do enredo, pode ser também encontrado no episódio em que Macunaíma, com saudade de Ci (sua companheira, que morrera e subira ao “campo vasto do céu”, transformando-se na constelação de Beta de Centauro), de tanto apontar as estrelas fica com os dedos “cobertos de berrugas” (p. 49), relação de causa/efeito proveniente da tradição popular. E, neste caso, a familiaridade do leitor pode ser ainda maior, porque talvez já tenha escutado uma bisavó brava com o costume de apontar para as estrelas!

Quando o espaço do romance ainda é a mata, a “natureza”, a distância da cidade parece amenizar o efeito de estranhamento devido à certa sensação de exotismo em relação à realidade do leitor urbano. No entanto, a partir do capítulo “Piaimã”, em que Macunaíma chega a São Paulo, o contraste entre aglomerado urbano e as explicações do narrador parecem ainda mais contundentes. Exemplos disso

aparecem no capítulo “Pauí-Pódole”, em que o protagonista explica em praça pública que a constelação do Cruzeiro do Sul não tinha esse nome, mas era o pai do Mutum, e no episódio em que Macunaíma interrompe um dia de trabalho na bolsa de valores à procura de uma anta que supostamente havia fugido.

A insistência da estrutura reconhecimento/estranhamento tanto nos episódios em que Macunaíma está na cidade quanto na floresta provoca o leitor contemporâneo a pensar na natureza das relações de causa/efeito presentes na rapsódia. Não se trata mais de encarar Macunaíma como a figura do primitivo, cuja explicação animista para os fenômenos da natureza se aproximariam da magia –imagem talvez reconhecível em Hagar, ao viking da tirinha, mas sim do outro, cuja explicação é plausível, se não do ponto de vista de nossa ciência, de um conhecimento baseado em uma tradição da “observação empírica e na experiência” (HUGHES, 1996, p. 79. Apud GARRARD, 2006, p. 187), contrariando a fantasia do primitivo como aquele que está aquém do civilizado².

Se essa leitura de Macunaíma desautoriza a fantasia do índio como além ou aquém do civilizado, possibilita um último estranhamento que se volta para o leitor urbano: depois de chegar a São Paulo, Macunaíma, intrigado com a máquina, exclama:

Macunaíma passou então uma semana sem comer nem brincar só maquinando nas brigas sem vitória dos filhos da mandioca com a Máquina. A Máquina era que matava os homens porém os homens é que mandavam na Máquina... Constatou pasmo que os filhos da mandioca eram donos sem mistério e sem força da máquina sem mistério sem querer sem fastio, incapaz de explicar as infelicidades por si. Estava nostálgico assim. Até que uma noite, suspenso no terraço dum arranhacéu com os manos, Macunaíma concluiu:

– Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles nesta luta. Há empate.

Não concluiu mais nada porque inda não estava acostumado com discursos porém palpitava pra ele muito embrulhadamente muito!

(ANDRADE, 2008, p. 53–4)

O estranhamento se inverte, é Macunaíma, agora, que parece estranhar a lógica do mundo urbano. O índio faz pensar na relação que nós, homens contemporâneos, estabelecemos com tudo aquilo que pode ser representado pela metáfora da máquina, e, talvez, deixemos a leitura impossibilitados de desembrulhar o dilema, porque sabemos que

a “máquina mata”.

Lembrando o cientista de *Melancolia*, que se mata depois de perceber que seus cálculos estavam errados e que estava diante da imponderável destruição, nós leitores deveríamos talvez procurar movimento diferente enquanto parece ainda haver tempo. Aproximar-nos empaticamente do outro, do que não entendemos, porque, assim como a máquina, o exclusivismo do pensamento racional que não se preocupa com as intuições e não ausculta o outro também mata. E é o sentimento de superioridade e de domínio racional da natureza que tem levado o homem a uma catástrofe ambiental sem precedentes. A necessidade da metamorfose é iminente.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, J. de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Typ. de Vianna & Filhos, 1865.
- ANDRADE, M. de. Machado de Assis. In: _____. *Vida Literária*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993.
- ANDRADE, M. de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928). Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- BROWNE, D. *O melhor de Hagar, o Horrível*, v.2. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- FROW, J. *Text and system*. In: *Marxism and literary history*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- GARRARD, G. *Ecocrítica*. Trad. de Vera Ribeiro. Brasília: Ed. da UnB, 2006.
- LOPEZ, T. A. O Macunaíma de Mário de Andrade nas páginas de Koch-Grünberg. *Manuscrita*, v. 24, p. 151-161. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/view/1481/1314>>. Acesso em 11/11/2016.
- MELANCOLIA. Direção e Produção de Lars von Trier. Estados Unidos: Magnolia Home Entertainment, 2012, 1 DVD.
- SOUZA, G. de M. *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

² “A metáfora do “primitivo” é singular, entretanto, porque transforma uma diferenciação geográfica numa diferenciação histórica ou evolutiva, de tal modo que os índios ou os aborígenes podem ser vistos como estando aquém dos europeus na progressão do estado natural para o civilizado. Uma vez que todas as sociedades humanas contemporâneas são, em certo sentido, tão modernas quanto as outras, essa metáfora do primitivo pode ser vista como uma mistificação ideológica”. (GARRARD, 2008, p. 177)

Poéticas dos becos e das vielas, um devir Literatura Marginal Periférica

Para iniciar esse diálogo precisamos fazer um breve histórico sobre o movimento literário Cooperifa ou “quilombo da poesia” como é denominado por seus poetas, quando teve seu início em 2001. Até hoje, todas as quartas-feiras mais ou menos 200 pessoas se aglomeram no Bar do Zé Batidão para recitarem poemas de autores consagrados e não consagrados dando ênfase aos segundos. Esse encontro expressa o desejo de mudança na periferia e não de mudar da periferia. Serviu de inspiração para a criação de mais de 40 saraus nas periferias de São Paulo.

A primeira manifestação cultural desse grupo aconteceu em 2001 num galpão (uma fábrica desocupada), onde um candidato a vereador estava estampando camisetas. Em seguida o movimento foi se tornando cada vez mais autônomo, como sugere Sérgio Vaz³, e aprimorando o sentido da palavra que nomeia o objetivo do sarau: Cooperifa = cooperação + periferia.

O Cooperifa venho somar-se às manifestações culturais da periferia que acabaram por definir, organizar, valorizar, metamorfosear e construir uma identidade para o lugar e para o homem periférico. Lugar este construído a partir dos restos trazidos por um centro consumidor e criador de códigos dominantes, mas que, no entanto, foi e é continuamente abalado por essa nova proposta de resgate ao que há de mais genuíno nas margens da cidade.

Os poetas da Cooperifa têm como objetivo trazer o centro para os becos e vielas das periferias. Não importar a arte, mas produzi-la no seio de sua realidade cultural. Assim, apropriando-se desse espaço de um modo diferenciado, isto é, unindo arte e conhecimento, identidade e reconhecimento de um povo esquecido.

Exemplo disso foi a “Semana de arte moderna na periferia”, quando foi divulgado o “Manifesto da Antropofagia Periférica”, assim

como o conteúdo do texto, o cartaz traz um desenho que parodia ao quadro de Di Cavalcanti, escolhido para o cartaz dos modernistas nos anos de 1920. Segundo Vaz essa atitude tinha o objetivo de provocar a elite acadêmica.

Em geral, o discurso passa por esse crivo, o que fatalmente incomoda e dá visibilidade para o grupo que também idealiza:

- Vencer o preconceito, as desigualdades espirituais e o anonimato;
- Produzir, apresentar e consumir uma literatura de próprio punho, assim como transformar leitores em escritores;
- Expandir suas idéias espiritual e materialmente (Projeto Poesia no ar);
- Negar a vaidade e o que há de esnobe na figura do artista de elite;
- Tornar a periferia centro sem que ela deixe de ser periferia;
- Fomentar a insubordinação transformada em autonomia (fim da caridade), como dizem “Nóis é ponte e atravessa qualquer rio”;
- Organizar seus rituais de pertencimento e acolhimento (Mestre de cerimônia anuncia a inscrição que está na entrada do bar “O silêncio é uma prece”);
- Efetivar a democratização da escrita e luta pela cidadania através da literatura;

Não podemos perder de vista de que existe uma forte relação entre o movimento Hip Hop e o Cooperifa. Ainda que os poetas prezem a palavra em detrimento da música, como afirmam: “O silêncio é uma prece!”, vários poemas recitados neste espaço de cultura e lazer alternativo criado pelos moradores da periferia, possuem uma musicalidade que os aproximam das batidas de rap ou do ritmo do samba, cantados nas favelas paulistanas.

Esses elementos de conexão entre a palavra e a música caracterizam a criação poética desses escritores às margens. A maioria deles começou escrevendo enredo para escolas de samba como sublinhou Paulo Lins na Bienal

³ Vaz, Sérgio. Cooperifa: antropofagia periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

do Livro em 2008 na cidade de São Paulo.

Vê-se uma união entre a linguagem culta e a linguagem popular urbana, ocorrendo assim o que alguns acadêmicos denominam de hibridismo lingüístico. Essa mistura de discursos pode ser compreendida como um reflexo da contradição de se estar à margem, no meio, no interstício⁴, no sem lugar que é a periferia. A mescla aparece na escrita representando uma re-apropriação da escrita no modo como ela foi formalizada, mas também como uma releitura propiciada pela linguagem oral periférica em oposição ao centro excludente.

Por isso, a gíria, apresenta-se como uma linguagem agressiva, cheia de códigos próprios do lugar: periferia. Marcada por uma sonoridade de impacto, como se soasse no ouvido do leitor/ouvinte como uma rajada de palavras. Essa literatura passa a ser a revelação de um campo semântico à margem. Cheio de brutalidades como resposta às injustiças, desigualdades, e preconceitos. É a revelação de um jeito brasileiro de falar, códigos lingüísticos que resgatam mecanismos de defesa cultura afro-brasileira, mobilizados devido a exclusão sociolingüística e a violência do colonizador e suas práticas predatórias que se perpetuaram ao longo dos tempos.

Ao lermos os poemas dos poetas da Cooperifa (Sergio Vaz, Allan da Rosa, Dinha, Márcio Barbosa, Akins, entre outros) percebemos uma intenção de representação do cotidiano periférico. São poetas que explicitamente declaram o que retratam em seus poemas: exclusão social, cultural, o afastamento das pessoas que vivem na periferia aos bens sociais, a violência, o crime e principalmente o sujeito da periferia como praticante da poesia, da prática social, o sujeito como um sujeito afetivo e coletivo.

Para tanto, esses poetas se vêem como sujeitos que vivem na periferia e, então, são os representantes líricos desse lugar – assim como foram os compositores de samba do início do século XX, os narradores e cantadores do nordeste, os prosadores e rimadores populares. O poema, uma forma que muitas vezes é associada a algo maior, hierárquico da arte, feito por poucos capazes de expressarem as grandiosidades da vida humana, é escolhida pelos líricos periféricos. No entanto, sabemos

que arte poética na vida moderna: dos centros urbanos, da cidade vão representar o que os sujeitos vivem, sofrem e vêem, sendo arte agora uma forma de expressão, transgressão, e/ou prática revolucionária da vida social, a arte tendo um papel de representação (mimeses) do cotidiano de uma faceta cruel do processo modernizador: as pobresas.

Para os poetas do Cooperifa o poema, é a forma de revelar e expressar a vivência na periferia, não como uma imitação, ou voz daquele que fala de fora, mas sim daquele que fala de dentro e re-apresenta aqueles que estão nas mesmas condições de relação social que eles e que não podem ou não conseguem enunciar/anunciar o que estão vivendo. É a opressão saindo da boca do oprimido.

Podemos-nos pergunta: Então, a literatura criada por estes poetas não é só informação ou um documento da vida periférica? A resposta é sim, mas não é só isto. Primeiro é uma Literatura, uma prática literária, feita em conjunto e esteticamente moderna, no sentido da arte como representação da qual só pode falar da condição humana, da arte feita coletivamente e conscientemente com as mesmas características lingüística, artística na qual se inserem numa estética não da pobreza que comumente aliena, mas que expressa o crítico tendo uma literalidade comum.

Segundo é uma forma discursiva que declara, relata e encara as outras formas discursivas alienantes, massivas e industriais, sendo esses muitas vezes os únicos materiais artísticos que chegam nas periferias. É uma literatura feita para criticar e desconstruir imagens, relatos falsos do lugar, que é socialmente simbolizado como o despejo da sociedade⁵ – não se esquecendo é claro da consciência estética e social dos poetas, que sabem da existência de atos desumanos experimentados na periferia, e, por isso, seus poemas muitas vezes documentam esses atos como forma de denúncia. São atos que permeiam toda a literatura do século XX, depois das atrocidades humanas exercidas nas guerras mundiais, reverberando ainda no cotidiano da vida urbana do século XXI.

Através da função poética da linguagem esses poetas constroem a materialidade histórica e dialética da periferia, que critica o conflito

⁴ BHABHA, Homi K. O local da cultura. (Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

⁵ Faço referência a imagem cunhada pela escritora Carolina Maria de Jesus em seu livro clássico sobre a favela paulistana, Quarto de despejo, diário de uma favelada publicado em 1960.

dos espaços urbanos socialmente excluídos e oprimidos, afastados dos centros artístico e econômico devido à intensa ligação entre arte e capital. A arte industrial, aquela que também é ligada ao econômico produzida em massa serve como superação superficial do conflito social nas periferias, as telenovelas, por exemplo, tem como público maior o morador da periferia, pois a televisão é um objeto que existe na maioria das casas brasileira. Entretanto, através de seus poemas eles cantam “o que a novela não diz”, fazem dos seus poemas verdadeiras armas de representações das pessoas daqueles locais. Mais além, eles se auto-representam, se inserem por suas vozes na poesia e trazem a poesia que há na vida das comunidades, criando “o lirismo do bécô”. Colocam em evidência os sujeitos marginais periféricos, que são ouvidos pelos próprios periféricos e anunciam a arte da qual todo o ser humano pode ter, ouvir, ler independente de classe, raça ou opção sexual.

Não à toa, os poemas se inserem nos aspectos modernos da poesia, isto é, os versos são normalmente livres tendo alguns uma extensão prosaica, como igualmente as estrofes que se explicam por um aspecto imanente. As rimas encontradas em muito dos poemas são associadas há dois tipos de cantoria, podemos dizer três, só que uma também sofreu influência das outras duas: o canto africano; o canto do repente da região do nordeste brasileiro e o rap. Como sabemos muitos dos moradores da periferia de São Paulo vieram do nordeste no êxodo rural. O repente é desafio feito por trovadores, ou líricos como era na idade média que rimavam sobre um assunto. No nordeste é feito por cantores – a Literatura de Cordel também se expressa pela rima do repentista.

O terceiro canto é o canto do rap que significa ritmo e poesia na tradução do inglês. O rap é um dos elementos da cultura Hip-Hop inventado por homens socialmente marginalizados, que buscavam e buscaram expressar seus valores, ideias e o cotidiano dos lugares onde vivem, por meio desse canto ritmado e poético que funcionam como “comunicadores sociais”⁶.

No entanto o rap tem uma influência do segundo canto, o africano, na batida, no ritmo e é também feita por uma maioria negra. O rap aqui no Brasil terá uma influência do repente,

pois tem a ideia do ritmo rápido, da rima simples, da embolada, praticada por migrantes ou desentendes nas festas das favelas paulistanas. Nos poemas marginais periféricos a distribuição das rimas ligam-se a esses três cantos, além da referência temática abordando sempre aspectos da identidade histórico-sociais e artísticas esses espaços de confraternização das margens.

Quanto aos aspectos imanentes dos poemas, podemos dizer que são evocados pela descrição da movimentação no espaço urbano periférico, referindo-se a um lugar restrito do eu – lírico favelado. Os poemas tendem a mostrar uma visão dos atos e fatos das relações sociais estabelecidas no local da marginalidade, principalmente os conflitos sociais, visando um lirismo atuante no seu canto e no seu sentimento, procurando aprimorar o diálogo entre ouvintes e leitores, num flagrante anseio de desenvolver uma consciência literária em seu público.

O último aspecto é algo sempre evidenciado, o fato da linguagem cotidiana, dos termos, das palavras, das gírias e dos códigos marcarem os poemas. A escrita referencia à realidade e sua forma de se comunicar nela. Então os poemas têm essa característica, não por uma falta de conhecimento da língua culta, mas por uma identificação e busca de comunicação poética direta com as relações de um mundo próprio, desse espaço poético que se faz nos becos e nas vielas.

A estética eurocêntrica ou norte-americana de estética moderna a muito já não corrobora para pensar as práticas artístico-culturais e os lugares enunciativos tomados como periféricos pelos discursos hegemônicos da arte, da literatura, da cultura ou da ciência como produtora de conhecimento desde que o mundo é mundo. Pensar este novo aparato cultural demanda um posicionamento diferenciado, metamorfoseado e multidisciplinar que possa dar conta desses sujeitos que estão fora dos lugares enunciativos do poder hegemônico e cristalizadores da arte, da literatura e da cultura.

⁶ Conf. SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucite, 1988.

Metamorfose

Existem poucas coisas nesse mundo que me despertam a curiosidade. Acordado de madrugada, com um cigarro entre os dedos, somente uma consegue transpassar meus pensamentos: a morte.

Não o medo de morrer, mas a morte em si; a forma, os sentimentos; a dor ou a falta dela. Acho que ficaria muito desapontado se, na hora de morrer, não doesse nem um pouquinho – em contrapartida, eu não queria que doesse tanto assim –, já que é uma coisa tão definitiva, tão... Sem reticências. Só assim. E assim, também. Um ponto final.

Esses questionamentos não são os mais frequentes em mim, é claro, pois como disse, pouco me interessa deste mundo. Só que atualmente, essa atração repentina da morte me avassala num nível que ultrapassa o subterrâneo de minha alma, por detrás do coração e na frente do meu cérebro. Não chego a pensar de forma racional, não, contudo passo distante do medo sem fundamento.

Imagino o quadro inteiro quase como se fosse um clínico geral. Me dê o raio X da morte, vou procurar exatamente pelo Y no preto e cinza. Nunca tem branco em um final, nem adianta procurar ou discutir, nada é tão inocente quanto se parece.

Olhando para o céu sem nuvens da noite pouco estrelada de hoje, consigo ignorar a tremedeira na espinha. De novo, não sinto medo da morte e nunca senti. É uma coisa diferente. Curiosidade, talvez? É mais forte do que isso. Vontade? Hmmm, está quase perto, esquentando...

O cigarro finalmente esfria, a fumaça que solto por minha boca parece dançar pelo ar, finalmente livre, pairando por minha cabeça e impregnando o cheiro forte das últimas centelhas de nicotina em cada fio de meu cabelo sebooso. Vontade, é, parece apropriado pensar na morte e relacionar com "vontade". Mas não a mim, não para me prejudicar.

É sem pressa alguma que meu cigarro se apaga, sem fogo nenhum, e é assim que a compreensão acende em meu raciocínio. É tão obvio que me sinto um idiota por ter demorado para entender, para dissolver, aceitar, evoluir, me modificar.

Acho que, então, sempre estive pronto para mudar assim, de uma hora para a outra. Demorou bastante, de fato, para aceitar que esse sou eu. Que vontade de rir, de sorrir para o vazio, fazer ser e se fazer no meio do nada. Eu sou, é claro que sou, mas nem sempre fui. Precisava me metamorfosear para chegar a essa fase.

Já chega. Não preciso mais pensar. De cima da sacada, vejo uma garota solitária no ponto de ônibus em baixo de meu prédio. Eu sempre tive curiosidades sobre a morte, não? Com meu raio X, encontro o Y que tanto procurava: em sua cintura, seus pulsos, no meio de seus seios, no pescoço, nos lábios, nos olhos; lá vai, lá vem, lá vou em sua direção.

Pronto para minha primeira vítima.

Anna Beatriz
Moraes Pedroso

Soy Sol

Vivia meus antigos dias
entorpecida, ignorante
orbitando um astro brilhante
vivendo uma vida imitada.
Procurando uma razão para escrever, sentir (ser eu mesma)

"Amava" coisas criadas (por mim)
Escrevia o que achava que pensava
Moldava meus sentimentos ao meu querer
Satisfeita com o absorver.

Um dia, na minha Semana de Arte Moderna,
O simples acaso continuou o rumo da minha vida.
Um conjunto de conversas, com um significado interior

Anos de Classicismo superados pelo Simbolismo
Anos de "ele" por uma vida de nós

Nós aquecemos a existência, girando juntas.

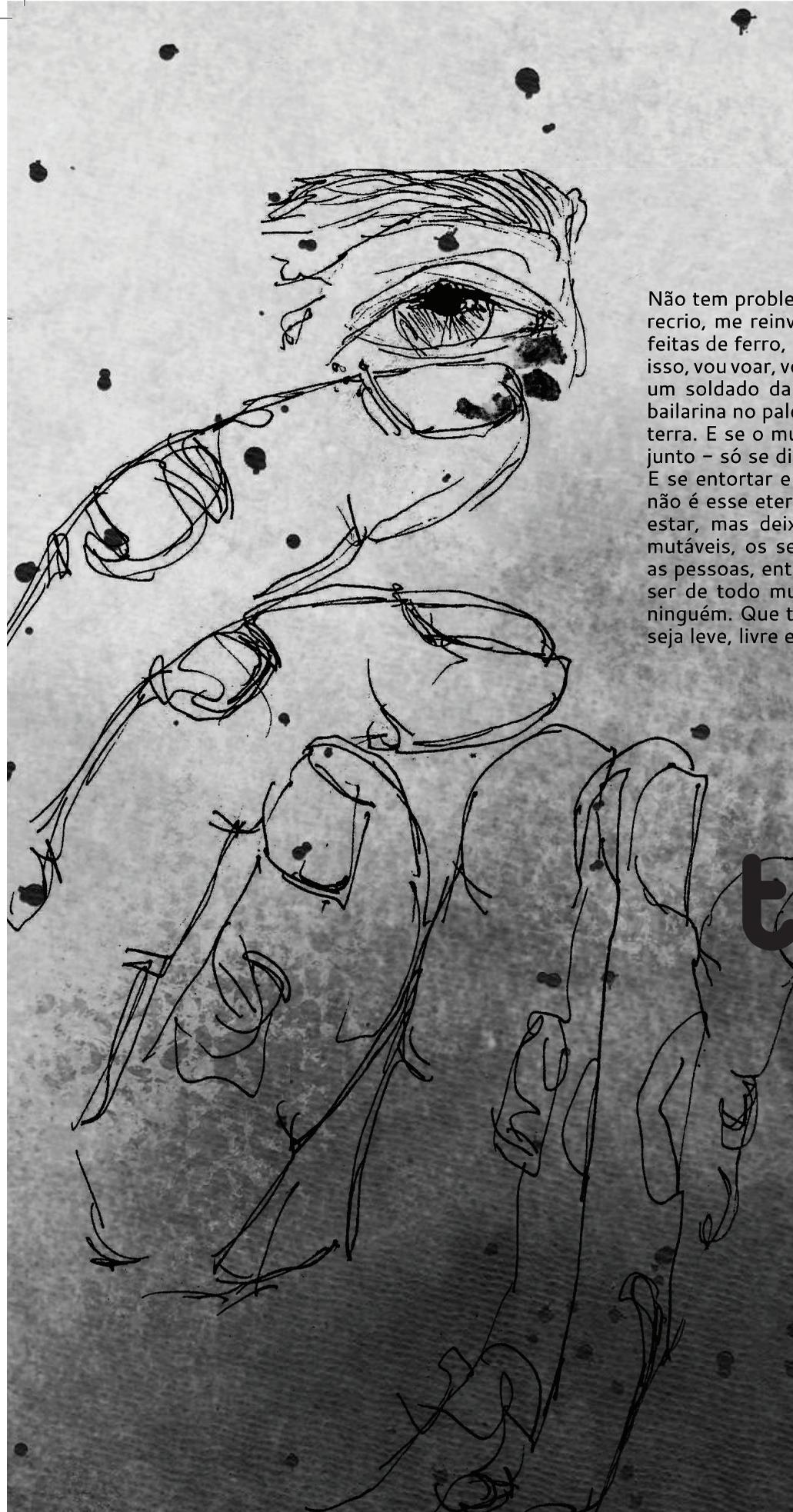




A borboleta

Sarah Mendes

Toda mulher é uma metamorfose.
Transforma-se de escrava logo em rainha
de deusa passa a menininha
de um demônio a anjo distante
Passa de um tom fosco
ao brilho de diamante.
Toda mulher sonha com um amor
e depois quer a glória e o poder.
Muitas vezes é feliz, outras tem dor
muda rápido sem você perceber.
Ninguém entende a alma de mulher
É uma alma em extremo mutante.
As mulheres mudam em todos lugares do mundo
mudam tanto a cada segundo,
Mudam como as fases das Lua,
com os séculos, os tempos, num segundo.
Elas são Amélias depois ativistas de rua
submissas, doces e guerreiras no mundo.
As mulheres têm metamorfoses
desde a hora em que nascem.
Nascem um bebê vestido de rosa
transformam-se na adolescente, na prosa
e na poesia que você mais quiser.
Ela pode ser a loba, a balsaquiana
que confunde tudo que passa
porque ela é mutante e cheia de graça;
pode ser a avó que você mais ama.
Ela pode ser doce como a Virgem Maria
e mais amarga que todo fel,
pode ser Cinderela, Olga Benário,
Anita, Xuxa ou até Rapunzel
a capa da playboy ou a muçulmana de véu.
As mulheres mudam desde que nascem
passam por fases, sonham renascem.
É por isso que perseguem sua luz.
A mulher tão mutante confunde
todo e qualquer pensamento,
alma de mulher é sempre mutante
borboleta colorida, perdida no vento.



Não tem problema, não. Eu me regenero, me recrio, me reinvento. Porque as pessoas são feitas de ferro, de aço, também de vento. Por isso, vou voar, voar e permanecer em pé. Como um soldado da tropa americana, como uma bailarina no palco, como um galho fincado na terra. E se o mundo balançar, eu me balanço junto – só se diverte quem se sacode, não é? E se entortar e quebrar, fazer o quê? A vida não é esse eterno cair e levantar? Pois deixa estar, mas deixa ir também. As coisas são mutáveis, os sentimentos se transformam e as pessoas, então, meu bem? Sei ser seu, sei ser de todo mundo mas também sei ser de ninguém. Que todo o vento que me constitui seja leve, livre e forte. Amém!

Ricardo Marques Lourenço

sem título

Às vezes

Cristiano Martins de Oliveira

Às vezes caio
e me levanto.
Às vezes durmo,
mas acordo.
Às vezes sonho e os sonhos
me fazem sonhar...
Pensar, refletir, realizar...
Às vezes as certezas
são as incertezas.
Às vezes meu coração
não é meu.
O sol, às vezes, se apaga no mar
Atrás das montanhas, atrás das nuvens
Na aba dos bonés e também nas mãos dos homens.
Também a lua...
Sorri para mim, não a vejo ou simplesmente
tudo clareia pra ser vista.
Às vezes não saber
é melhor do que saber.
Nas vezes em que às vezes se intrometeu
Foi melhor
para acabar com a chatice da constância e propor
um novo (re) começo...

I.
uma cama arrumada é sempre
uma cama desfeita e morna.

uma hora em frente ao mar
nos obriga a pensar em certas coisas
muito importantes:
temos falhado.

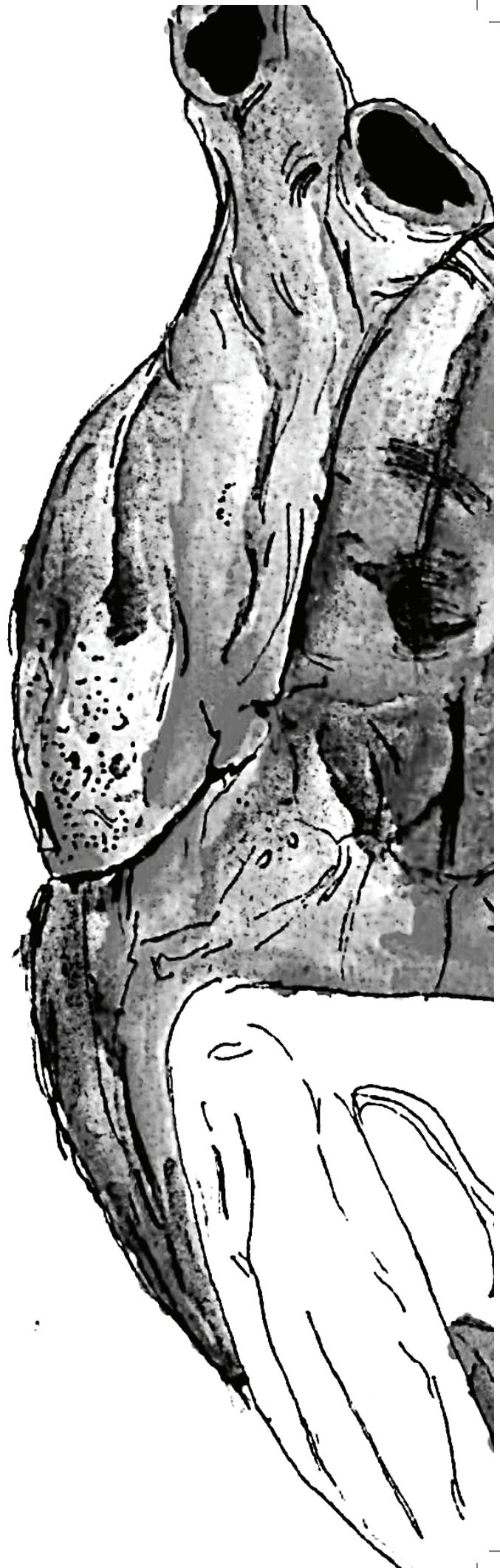
o que não fizemos não é nada além
disso
embora às vezes pareça mais
e nos assombre

é capaz que existam unicórnios,
que sejam criaturas muito tristes
uma pessoa é
sua própria ausência
sua fuga

penso sempre nas mesmas coisas
e elas permanecem intactas

enquanto digo não é nada, não é nada
varro com cuidado os cacos de vidro do chão

II.
dentro do casulo da espera
não há nada.





Dois casulos

Pedro Siqueira

“Mas Neco de Lourenço vira a sereia que tinha o corpo da galega com os cabelos louros de rainha boiando sobre as águas. Era assim como ela, direitinho a galega nova” (J.L. Rego).

Eduarda, sereia

Viviane Vieira

Loura, pálida, amuada, Eduarda,
na areia, avistada.
Moça linda... invejada...
E sempre na areia molhada.

Uma vez, Eduarda levantou e sorriu.
Quando, de minha janela, a vi,
Não era mais Dona Eduarda,
era uma sereia dourada.
A sereia era ela, loura, confusa, amuada, agitada, deslocada...
Pobre. Dona. Eduarda.

Quando se jogou no mar eu corri para a janela,
a vi nadar para longe.
O moço não a viu, estava cego, a sereia o enfeitiçara.
Ah, Uiara!
Eduarda era ela, a miragem, a sereia mais bela
que todas as manhãs enfeitava minha janela.

Pobre. Dona. Eduarda.
Nadou, nadou, nadou...
Deve ter ido morar,
com suas irmãs no fundo do mar.
Por que por minha janela não mais passou.

Por onde andaré minha querida Eduarda,
a sereia dourada
que por minha janela eu via na areia deitada?

Quando menina, eu a invejava,
Bela Eduarda,
Livre. Na areia. Esparramada. Amuada. Dourada. Confusa.
Pobre Sereia Dourada.



Ô se amo (Oceano)

Allan Sacheto

Ouço o barulho do mar
Tão logo assim tu me beijas!
Como não imaginar
Que és uma destas sereias?
Que cativam ao cantar
Uma de tuas besteiras,
Imagines ao beijar
Quem não cai em tuas teias?
De sal eu não sinto gosto
Nem escamas de sereia
Fitando este teu rosto
Sem vestígios de areia
Pois, Poseidon que me ajude!
A lidar c'essa mulher
Antes que eu vire um "grude"
No fundo d'um mar qualquer
E não sinta a tua mão
Em concha se transformar
E orquestrar a percussão
Entre mim e ti e o mar.



Ξ Dia

Klaus Sgroi

Um dia, você vai encontrar alguém especial. Esse alguém fará você se sentir bem, muito bem. Você se sentirá desejado, querido. Sentirá que alguém no mundo se importa com você de forma diferente, única. Porém, um dia isso vai acabar. O motivo é simples: tudo acaba. Nada dura para sempre. Você talvez fique mal por um tempo, mas provavelmente conseguirá se recuperar.

Um dia, depois de algumas semanas, meses ou até anos, você encontrará outra pessoa especial. Essa pessoa fará você se sentir bem, muito bem. Você se sentirá desejado, querido. Sentirá que alguém no mundo se importa com você de forma diferente, única. Porém, um dia isso vai acabar. O motivo é simples: tudo acaba. Nada dura para sempre. Você talvez fique mal por um tempo, mas provavelmente conseguirá se recuperar.

O tempo passará e, num belo dia aleatório, você encontrará mais uma pessoa especial. Essa pessoa fará você se sentir bem, muito bem. Você se sentirá desejado, querido. Sentirá que alguém no mundo se importa com você de forma diferente, única. Porém, um dia isso vai acabar. O motivo é simples: tudo acaba. Nada dura para sempre. Você talvez fique mal por um tempo, mas provavelmente conseguirá se recuperar.

Então, num outro belo dia aleatório, você talvez perceba que não existe ninguém especial a não ser você mesmo. O que procuramos é um espelho para nos ver refletidos.

Pollyanna roubada

Pollyanna Guimarães

Quero voltar a ter
a crença no ser humano,
mesmo quando seus atos
representarem-lhe mal.

Quero voltar a ter
o céu cheio de
estrelas, mesmo quando
houver tempestades.

Quero voltar a ter
o caminho coberto por
flores, mesmo quando
houver asfaltos.

Quero voltar a ter
a pele revestida de
sentido, mesmo quando
a blindagem da autoproteção
impedir-me e distanciar-me
do outro.

Quero voltar a ter
a doçura na voz...
a palavra que conforta...
o sorriso que acalenta...
o colo que acolhe e
o olhar que acaricia

Quero de volta
tudo o que foi roubado,
juntamente com a
inocência e a pureza
de Pollyana, que
pela vida se apaixonava
e com o impossível sonhava.



Conta-gotas

Tainá Gambugge

O relógio marcava 01h12. À meia-luz, despida de roupas e pudor, encarava a outra enquanto seus dedos melavam. Envoltã numa atmosfera de prazer e tensão, deslizava sua língua pelo corpo ali deitado, cujas sardas – quase infinitas – seria capaz de reconhecer mesmo na incompreensão da própria carne. A branca que lhe saltava à retina significava, sobretudo, a junção de todas as cores – poesia, poesia acidental.

Movimentos compassados celebravam as putas, os bêbados, os solitários e quaisquer outros que algum dia, por descuido social, tivessem sido apontados como depravados. Com os pecados católicos concentrados num único ponto explosivo, a libido penetrava os poros e por eles era exalada. Assim, já não se distinguiam os suores e os cheiros: amavam com a coragem de serem bichos, sem espaço para a existência de intimidades. Suas respirações abafavam os sons que vinham da janela do nono andar, transformando a caótica avenida numa simples viela da cidade. A verdadeira vida se materializava do quarto para dentro.

Puxava-a para si e seus seios se encontravam, à mesma medida em que seus lábios – todos eles – lhes faziam partir para um plano mais alto. Tocando e sentindo partes antes não alcançadas, implorava pelo líquido que escorreria pelas coxas da mulher desejada e morreria em sua boca. Investigava cada traço como se fosse seu e se permitia sangrar por não ser. Naquele momento, não se viam mais os objetos arremessados nem as lágrimas do dia anterior. Algo nascia dos escombros, tentando respirar no concreto. E respirou, por poucos segundos, quando as pernas trêmulas passaram a descansar e a umidade do lençol foi notada.

Mas era só gozo, resposta física de um organismo que, apesar de corroído pela acidez dos caminhos distanciados e traumatizado pelas navalhas que insistiam em cortar depois de tanto tempo, mantinha-se enraizado a suas necessidades básicas, primitivas. Estavam, inevitavelmente, presas numa bolha – talvez

moral –, invisível aos românticos, esforçando-se para cumprir a promessa feita num primeiro de maio banal que poderia, facilmente, ter sido um primeiro de abril.

Silêncio. Chegara sua vez. Colocando-se no lado esquerdo da cama, que nunca fora o seu predileto, julgava estar pronta – questão de hábito. Fitando os olhos castanhos mais uma vez, os mesmos olhos castanhos que nunca a decifravam, esbarrou numa pessoa diferente. Não sabia se suas projeções haviam mudado ou se o objeto de adoração havia naturalmente se deslocado para uma posição de terror. Sentia-se invadida por alguém que jamais conhecera, emocionalmente violentada. Percebeu, então, que a branca também causava cegueira.

Algo nascia dos escombros novamente: desta vez, os gritos ensurdecedores proferidos no meio da pista de dança. A aliança que, abandonando o posto de sinônimo de compromisso, só servia de adorno. A comida fria e sem sal – assim como a rotina – entalada na goela. As mensagens, repletas de dizeres e vazias de propósito. As flores murchas guardadas num livro que não lhe interessava. E outros tantos desencontros, ora homéricos, ora mesquinhos, que chegavam desenfreados a sua mente, fazendo-a odiar o sexo e muito além dele. Gemia dissimuladamente.

Ao ignorar a realidade, tornara-se cadáver adiado e se contentara com restos, preparados a quatro mãos, que até porcos recusariam. Protagonizando uma mimese platônica, construía-se em areia, suscetível a ser levada pela menor correnteza, baseada na ingênu, possivelmente estúpida, crença de que aquela seria sua melhor imagem. Mas descobriu que estava errada. Ainda que doesse não enxergar mais a outra, dilacerava não enxergar mais a si mesma. E finalmente se desfez, grão por grão, entregando-se voluntariamente aos braços do oceano.

Transmutação ess



ção da modesta sência pessoal

Jefferson Lobato

Que dizer sobre a inconstância corriqueira em cotidianos previsíveis?
Como adequar-se ao incerto, ao duvidoso ou até mesmo ao sombrio?
– Devem confiar! Dizem eles.

Depositar minha credulidade no desconhecido?
Tornar-me dogmático ao estabelecer certo aquilo que vejo que está para além de mim?

Bem disse, santa Clarice, ao definir o que é ser após sua metamorfose:
“Sou o estar de pé perante um susto”.

Quero comparar, mesmo que minimamente, meus sentimentos aos seus, Srta. Lispector, no
entanto, com nenhuma pretensão de equipará-los.

Pois, então, permita-me.

A mudança é digna de cisma por ser enfadonha.

Forçar o esquecimento de sensações é trivial para alternar o que sou.
É o que mais temo.

Contudo, quem os informou que ambiciono esquecer?
Por que querem nos obrigar a desdenhar nossas experiências?

Gritos surgem bradando, negativamente, o que penso:
Não. Não. Não!

Que direito tens ao pedir para que eu deixe meu juízo?
Basta de incógnitas. Basta de vazios.

Estar farto da hipocrisia é a única verdade.

Ocorre a mim que a fidúcia em mudanças inconsistentes ferem minha essência.

Gentilmente peço-vos, não aspire minha mudança.

Que a depressão enlouquecida seja o escape para rejeitar as intervenções negligentes em
minh'alma.

Refuto. Pretiro. Contraponho.

Não posso permitir que a mudança altere o que nasci para ser.
Singelamente ser.

Emanuelle Caroline de Amorim

sem título

A metamorfose é um laço que liga o velho e o novo em um só embaraço – uma constante mudança – que vem e vai se enlaçando ao passar da vida.

Todo amante da vida tem um jeito de se metamorfosear, isto é, renovar-se. Brincar de viver metamorfosicamente falando.

Em algum momento da vida, esse laço enrosca causando a esperançosa mudança.

A esperança de que a vida irá se renovar, esperança de que esse laço cause algum efeito transformando nós em um laço perfeito.

Metamorfose, quer dizer, alcançar o voo mais alto nas mudanças da vida, levar na bagagem mais uma experiência feito passageiro. Assoprar e sorrir em novos ares. Rodopiar feito borboleta sem preocupar-se com o destino a tomar.



Veranizar

Pâmela Passos

O rapaz de olhos castanhos suspirou. Observou o céu. E decidiu não mais se importar. Decidiu que voltaria pra cama; afinal, manhãs chuvosas não o atraíam nem um pouco. E foi o que fez. E ao fechar os olhos, sentiu o mundo girar. Rápido demais. Rápido demais. E todos os pensamentos se embaralhavam. E os batimentos pareciam acelerar. E ecoavam alto. Muito alto. Tão alto que ele pensou que ensurdeceria se aquilo não cessasse.

Mas não cessou.

Os batimentos continuaram.

Os pensamentos continuaram.

E a Terra ainda girava rápido demais.

Abriu os olhos. Pôs-se de pé. Mas tudo ainda girava. E ele não conseguia se acostumar.

O rapaz de olhos castanhos tinha perdido alguém muito querido. Não uma namorada. Ou um namorado. Não um parente, próximo ou distante. O rapaz perdera a si mesmo. Perdera a si mesmo há muito tempo e não sabia exatamente onde procurar. Mas procuraria.

Buscou velhos amigos, mas eles não o reconheciam.

"Nunca o vi em toda minha vida", "É possível que tenhamos perdido contato há tanto tempo que eu sequer me lembro de seu rosto", "Me desculpe, não posso ajudar". Eram as mesmas respostas. Os mesmos olhares carregados de pena. Não podiam ajudar.

Buscou por si mesmo em poesias, que antes tanto lhe animavam. Mas não estava lá.

Buscou por si mesmo nos caminhos que percorria sempre, mas não encontrara um rastro sequer. Nenhuma migalha de pão para levá-lo de volta pra casa.

Mas não se daria por vencido. Procuraria por si mesmo até se encontrar novamente. Buscava por sua essência perdida há muito. E não descansaria. Não se deixaria abater. Tinha que continuar.

Sentiu a chuva molhar seus cabelos encaracolados. E sorriu. Sorriu como quem se desculpa. Mas não havia ninguém com quem se desculpar. Sentou-se no meio-fio e colocou as mãos nos bolsos da jaqueta. Aquilo parecia

familiar, mas era como uma memória distante, daquelas que não sabemos se realmente aconteceu ou se foi só imaginação. Ou delírio.

Via pessoas apressadas com seus guarda-chuvas e caras amarradas. E sorriu novamente. Porque era bem possível que ele mesmo tivesse sido assim.

Mas não era mais. Mudara por completo. O rapaz de olhos castanhos e cabelos encaracolados agora percebera quem se tornara. Era sua própria pessoa. Era quem lhe fazia feliz. Era quem lhe dava mais orgulho, porque era o único que sabia o quanto se esforçou pra chegar aonde estava. As gotas de chuva levaram as dúvidas. Os anseios. O rapaz, que por tanto tempo fora inverno, tornou-se verão. Tinha dias tempestuosos, mas não se deixava abater. Tinha dias ensolarados e aproveitava-os até o último segundo. Mas, o mais importante, é que tinha a si mesmo.

E aprenderia a viver com esse novo "eu". Aprenderia a lidar com a mudança que sofrera. Da mesma forma que lagartas se tornam borboletas, o rapaz de olhos tristes e cabelo desarrumado tornou-se alguém melhor. Tornou-se verão. A metamorfose estava completa quando percebeu que sequer se importava se amizades superficiais e pessoas rasas lhe ligassem em seu aniversário. De pessoas rasas estava farto. E agora, só o que importava era o quão bem consigo mesmo ele se sentia.

Borboletas têm asas. Humanos, a liberdade em mãos. Ambos são livres. Ambos têm suas limitações. Mas o rapaz de cabelos encaracolados tinha agora a opção de se desprender de laços superficiais. De voar pra longe, ainda que figuradamente. De se tornar alguém de quem se orgulharia. De se livrar de pessoas e situações tóxicas. E assim o fez.

E percebeu que não encontrar seu antigo eu foi a melhor coisa que já lhe aconteceu.

E percebeu que aprendeu a veranizar.

E a Terra já não girava rápido demais.

E os batimentos cardíacos voltaram a se estabilizar.

E, naquela noite, deitou-se em sua cama e pode, finalmente, desembaralhar seus pensamentos.

E percebeu que se sentia bem ali, em meio à todo aquele caos.

Tem um pica-pau nos fundos de casa. Não consigo vê-lo, apenas ouvi-lo. Ele faz seu trabalho, perfeitamente calculado. E eu aguardo enternecida o próximo ruído. No mato aprendemos ouvir. E imaginar. Sabemos as pessoas e a natureza pelo que falam. As vozes do vento, das árvores, das gramas que se deitam para os animais. E as raízes não falam. Nem o Sol. Nem as estrelas. Se comunicam por telepatia com os poetas. Poetas são seres em permanente metamorfose. Poetas se transformam a cada poema. Um dia são vento, árvore e grama e dançam com o vento. Em outros, são raiz, sol e estrela, e cantam silêncios.

Simone Pedersen

sem título



Ideia

Luísa Castro

Quando eu for embora
Quero virar poeira cinza, e,
inconstante,
Quero rir das lágrimas de antes.

Quando eu for embora
Quero ser leve, sem conteúdo,
Sem choro, sem luto, sem raiva.

Quando eu for embora
Vou ser um nada, uma forma
invisível,
Um pensamento inacabado e
perdido.

Quando eu for embora vou ser de
verdade,
Sem prazo de validade, sem medo e
sem vergonha.
Vou ser apenas uma ideia.





somos todos
depressivos
numa era
depressiva
des-pressiva

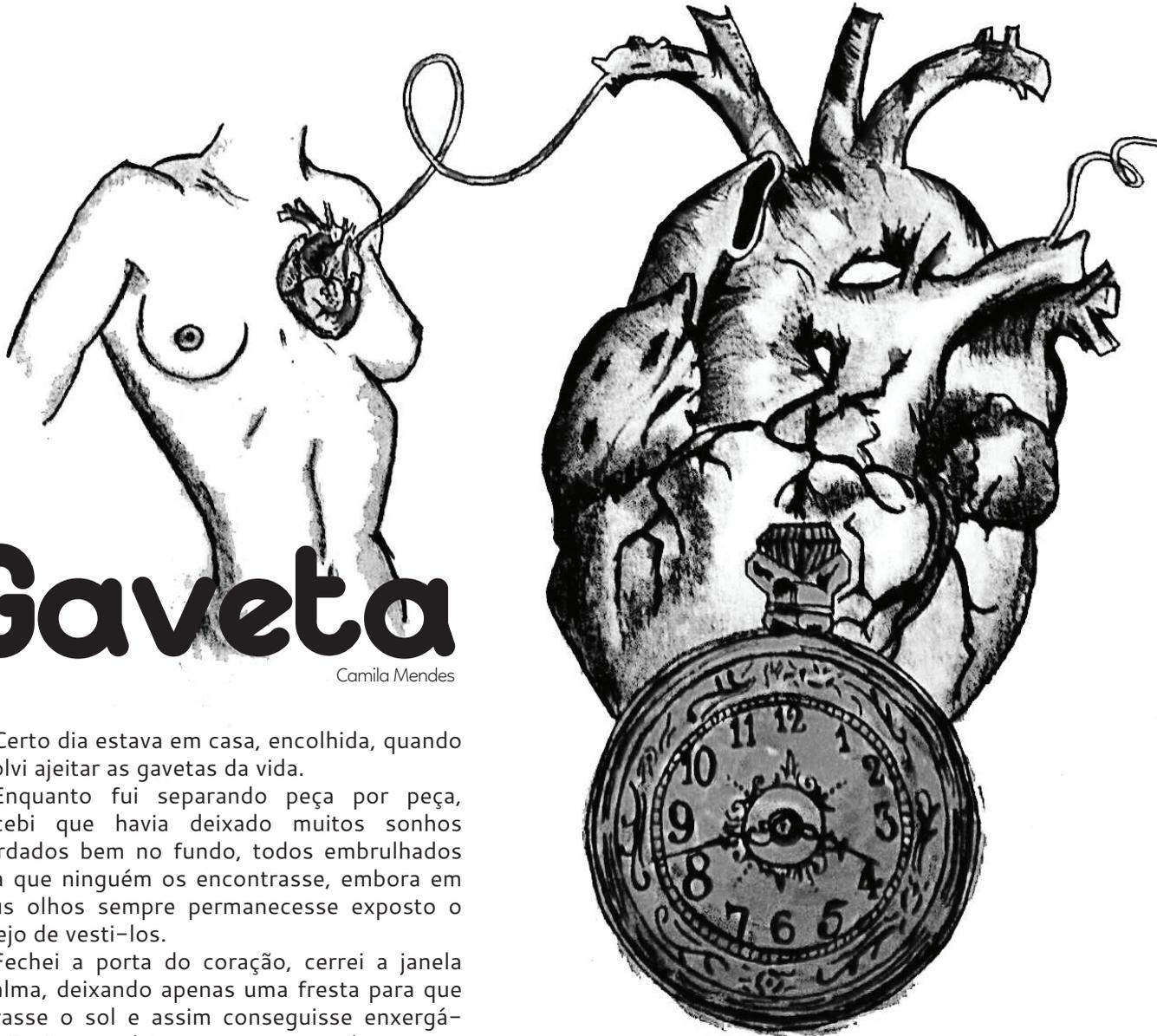
sim! somos todos depressivos!
vivemos a era depressão
de pressão
individualidade
egoísmo
indecisão
vivemos a era dos conectados
desconectados de si
entre si
e da razão

vivemos a era dos conectados
templos de globalização
vivemos no desraizamento
desconexo na própria conexão
são tempos instantâneos
doslikestags visualizações
enquanto no feed o post bomba
bombas explodem nações

mas
fazemos revoluções on-line
criamos correntes e bordões
recebemos nomes de
revolucionários
sem sair de nossos portões

somos seres interagindo
no mundo da cibernética
para que ser humano
se fomos mutantes
da nova genétic@

5 de julho de 2016, Unimontes, Moc.



Gaveta

Camila Mendes

Certo dia estava em casa, encolhida, quando resolvi ajeitar as gavetas da vida.

Enquanto fui separando peça por peça, percebi que havia deixado muitos sonhos guardados bem no fundo, todos embrulhados para que ninguém os encontrasse, embora em meus olhos sempre permanecesse exposto o desejo de vesti-los.

Fechei a porta do coração, cerrei a janela da alma, deixando apenas uma fresta para que entrasse o sol e assim conseguisse enxergá-los. Então, resolvi provar meus sonhos, um a um, e fui à frente do espelho.

A princípio eram estranhos, ousados, uns pareciam grandes demais, outros muito pequenos, mas eram bonitos e nobres. Apesar da diversificação, só conseguia pensar que era necessário expor minha nova aparência.

De repente, ouvi um barulho ameaçador na janela: era o Mundo. Por ora, este me elogiava, mas também me criticava e xingava. Senti medo e rapidamente joguei longe todas as vestimentas. Fiquei envergonhada pensando no que poderiam pensar de mim. — Oh céus! Por que me importo? — então me envergonhei ainda mais. E naquele espaço de tempo que parecia curto, a vida passava muito depressa. E eu continuava a pensar.

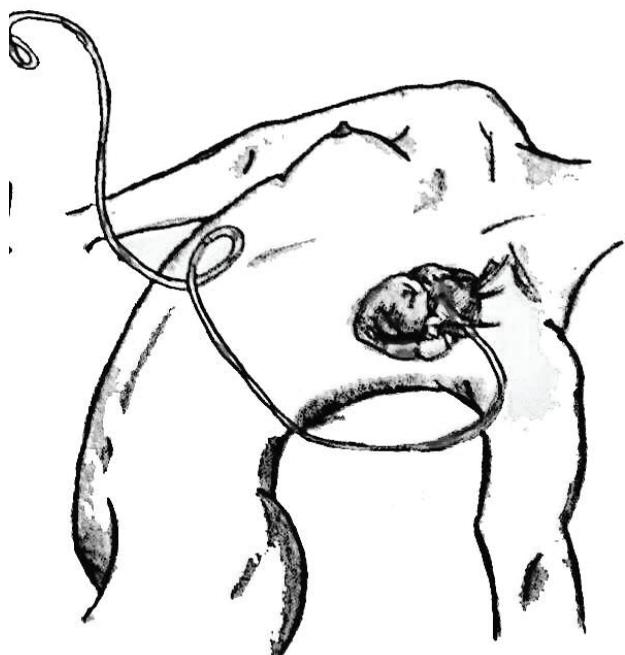
Então dobrei devagarzinho e com bastante cautela para que ficassem organizados novamente nas gavetas. No momento em que fui guardá-los, agarrei-me a eles e senti que

não podia e também não queria devolvê-los; afinal, havia me sentido tão confortável dentro deles, que certamente ficavam mais bonitos em mim do que engavetados.

Deixei-os no canto da cama e me sentei ao lado. Olhei para eles e eles me devolveram o olhar. Certifiquei-me de tudo ao meu redor. Estava um pouco aflita e apreensiva, mordi os lábios, então, num passo brusco, me levantei e fui até a porta, e resolvi espiar através fechadura, depois, corri em direção a janela. Pude ouvir vozes que gritavam “vem”, e outras tentando silenciar, dizendo bem baixinho “fica”.

Sem dó, escancarei a porta, posteriormente a janela. Corri e vesti todos os meus sonhos muito depressa. Ao pisar fora de meu quarto, caí no abismo da felicidade.

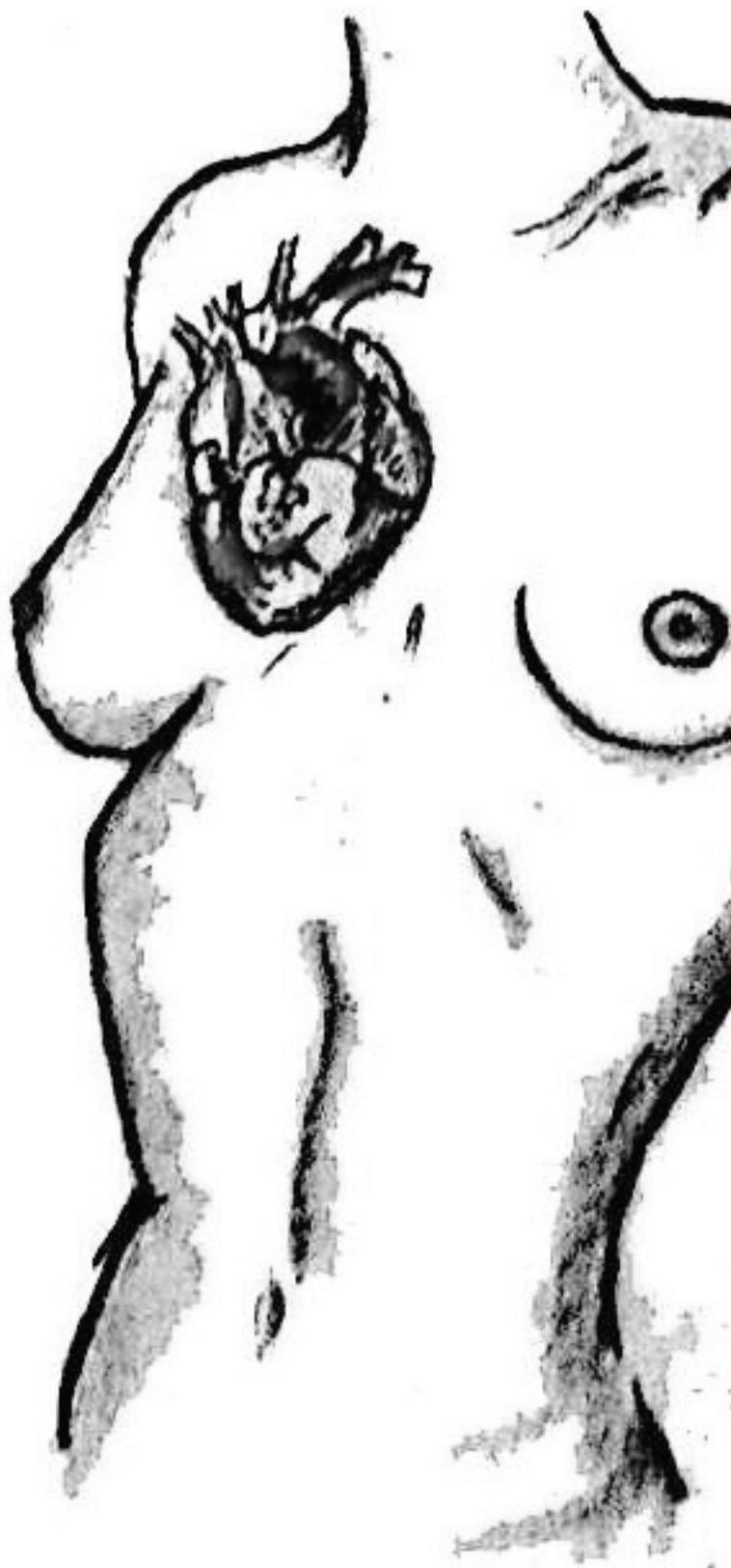
Minhas gavetas ficaram vazias, me despi dos medos, mas meu eu agora de tão cheio, transbordava. Bem-aventurada fui.

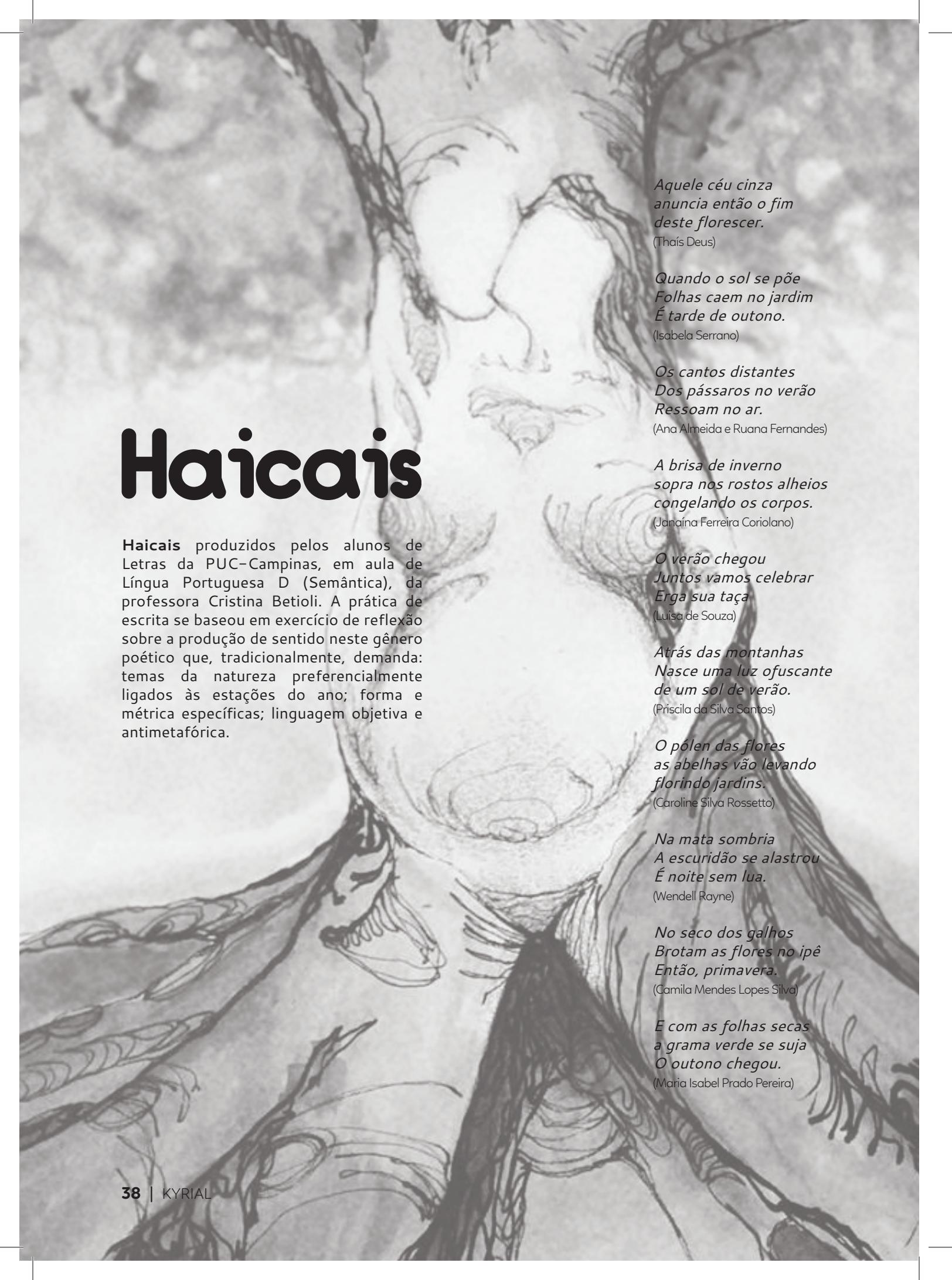


sem título

Ana Paula Ricci

Hoje, quando me deparei com uma borboleta e comecei a refletir... logo me veio à cabeça: "Como a vida é breve e a partida é certa." Vejo marcas de um ser que lutava para dar seus voos mais plenos mas não conseguia, vi também a beleza que pelo tempo e pelas "experiências" tinham sido modificadas mas vejo além disso um símbolo de paz. Sim, a paz está nesse lindo panapanã que mesmo no fim demonstra suavidade. Quem sabe até tivera uma vida longa de dois ou três meses... Quem sabe tenha sido plena, enquanto vida.





Haicais

Haicais produzidos pelos alunos de Letras da PUC–Campinas, em aula de Língua Portuguesa D (Semântica), da professora Cristina Betioli. A prática de escrita se baseou em exercício de reflexão sobre a produção de sentido neste gênero poético que, tradicionalmente, demanda: temas da natureza preferencialmente ligados às estações do ano; forma e métrica específicas; linguagem objetiva e antimetafórica.

*Aquele céu cinza
anuncia então o fim
deste florescer.*

(Thaís Deus)

*Quando o sol se põe
Folhas caem no jardim
É tarde de outono.*

(Isabela Serrano)

*Os cantos distantes
Dos pássaros no verão
Ressoam no ar.*

(Ana Almeida e Ruana Fernandes)

*A brisa de inverno
sopra nos rostos alheios
congelando os corpos.*

(Janaina Ferreira Coriolano)

*O verão chegou
Juntos vamos celebrar
Erga sua taça*

(Luísa de Souza)

*Atrás das montanhas
Nasce uma luz ofuscante
de um sol de verão.*

(Priscila da Silva Santos)

*O pólen das flores
as abelhas vão levando
florindo jardins.*

(Caroline Silva Rossetto)

*Na mata sombria
A escuridão se alastrou
É noite sem lua.*

(Wendell Rayne)

*No seco dos galhos
Brotam as flores no ipê
Então, primavera.*

(Camila Mendes Lopes Silva)

*E com as folhas secas
a grama verde se suja
O outono chegou.*

(Maria Isabel Prado Pereira)



